Para um estudo da fonologia Krenak: alguns problemas e análise preliminar

(For a phonological study of Krenak: some questions and preliminary analysis)

Katia Nepomuceno Pessoa[1]

[1]Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

knpessoa@gmail.com

Abstract: Krenak is a language of Je linguistic group spoken in Minas Gerais and São Paulo and it is considered highly endangered. In spite of the various existing studies, there is basically one of phonology, which belongs to Silva (1985). The aim of this paper is to perform a brief review and critical analysis of her work, along with a short discussion of some questions related to phonetic segments identified in Krenak and Je languages by other researchers, as Davis, Seki, Emmerich & Monserrat. Also, we present a preliminary analysis of data from Seki, gathered in the beginning of the 80's, which lead us to question issues previously considered by Silva, like the non-existence of prenasalized phonemes and the quantity of vowels, and still characteristics of voiceless nasals in this language.

Keywords: Krenak; Macro-Je; Phonology.

Resumo: O Krenak é uma língua Jê cujos falantes se encontram em Minas Gerais e São Paulo, que se encontra em avançado processo de extinção. Apesar de existirem vários estudos, de fonologia contamos, basicamente, com o estudo de Silva (1985). O objetivo deste estudo é fazer um breve resumo do trabalho de Silva, e uma reflexão crítica da sua análise, considerando alguns questionamentos referentes aos segmentos identificados na línguas Krenak e Jê, em geral, por outros pesquisadores, como Davis, Seki, Emmerich & Monserrat. Fazemos, ainda, uma análise preliminar de dados da língua Krenak, coletados por Seki no início da década de 80, que nos levam a questionar certas posturas tomadas por Silva, como a não-existência de oclusivas pré-nasalizadas fonológicas, a quantidade de vogais existentes na língua e as características das nasais surdas.

Palavras-chave: Krenak; Macro-Jê; Fonologia.

O Krenak: informações gerais

Os Botocudo foram vítimas de um dos mais violentos processos de repressão por parte do homem branco, o qual resultou no desaparecimento de quase todos os membros desse grupo. Atualmente, os únicos representantes sobreviventes são os índios Krenak, que habitam a Aldeia Krenak, às margens do rio Doce, entre as cidades de Conselheiro Pena e Resplendor, no estado de Minas Gerais. No decorrer da história, foram conhecidos também por Aimorés, nominação dada pelos Tupí, e por Grén ou Krén, sua auto-denominação. No início do século XX, havia vários grupos de Botocudo na região entre Minas Gerais e Espírito Santo. Segundo Seki[1] (1992), "em 1911 havia Pojichás, em São Mateus; Naknanucs e Nakrehes, no Aldeamento de Lages, às margens do Pancas; Jiporocas, no Posto Indígena

[1] Lucy Seki é Lingüista, Professora da Universidade Estadual de Campinas e orientadora do Projeto de Doutorado em desenvolvimento sobre a língua Krenak, aspectos fonológicos e morfossintáticos, do qual fazem parte as discussões iniciais realizadas neste artigo.

Pepinuque; Munhagiruns, entre o Pancas e o São José; Nakrehes em Pancas e em Itueta e finalmente Gut-kraks, entre a serra de João Leopoldino, às cabeceiras do São João e o Pancas".

Dentre estes últimos, os Gut-kraks dividiam-se em dois grupos inimigos: os Botocudo de Natividade do Manhuaçu, sob a liderança do capitão *Tijuqye Tetchuc* e os Botocudo da Lapa, chefiados pelo capitão *Crenac*, cujo nome terminou sendo adotado para distinguir o grupo. Embora essa denominação tenha se generalizado, a comunidade Krenak inclui representantes e descendentes de outros subgrupos Botocudo, como os Nakrehé e os Gut-krak.

Embora tenham sido considerados em vários momentos da história como extintos, os representantes Botocudo ainda resistem e falam sua língua nativa, especialmente as variações Krenak, Nakrehé, Gut-Krak e Munhãjirum. Rodrigues (2007)[2] considera a língua Krenak como uma língua ainda sobrevivente, mas "com falantes terminais". De fato, a realidade lingüística dos Krenak, já há cerca de três décadas atrás, refletia uma língua em limites de desaparecimento completo. Segundo Seki (1992), a comunidade é caracterizada por ser dispersa e apresenta um alto grau de miscigenação com não Botocudos (índios e não índios), o que é compreensível se olharmos para a história do grupo como um todo. Na época da visita da pesquisadora, no início da década de 80, a língua se encontrava em grande risco de extinção, apresentando apenas cerca de 15 falantes - em graus diferentes de domínio da língua e com idades acima de 40 anos. Seki observou também que entre a comunidade mais jovem, alguns podiam compreender, mas não falavam e que as crianças que freqüentavam a escola eram alfabetizadas em português. Já nesta época, podia-se afirmar que a língua não apresentava mais as funções de linguagem na comunidade, que se comunicava predominantemente em português, mas que, de qualquer maneira, ainda apresentava uma "função de solidariedade grupal", ou seja, uma função em torno das lembranças da história dos seus antepassados e de demonstrar que podem conservar sua identidade lingüística e étnica.

A língua Krenak: estudos existentes

Os Krenak têm sido estudados desde o século XVI, por cronistas e jesuítas, ainda sob o nome de Aimorés. Como Botocudos existem várias documentações oficiais de caráter administrativo, além de relatos de viajantes naturalistas, etnólogos, religiosos, engenheiros e até de um farmacêutico, sendo ainda tratados em artigos de jornal ou outros trabalhos mais específicos sobre o grupo (Seki,1992). Também lingüistas, como Charlotte Emmerich, Ruth Monserrat e Lucy Seki realizaram estudos acerca da língua Borun. Mesmo assim, nenhuma das línguas ou dialetos do grupo Botocudo foi documentada de modo satisfatório e não se pode contar com qualquer descrição da estrutura gramatical mais completa acerca dessa língua.

Sobre a fonologia, a língua dos Krenak conta basicamente com uma descrição fonética e fonológica feita por Silva (1985). O estudo baseia-se no modelo fonológico gerativo-transformacional de Chomsky, apresentado em *The Sound Pattern of English* (SPE, 1968), que considera os segmentos consonantais e

[2] Informações apresentadas em mesa-redonda sob o título "O Tronco Macro-Jê e suas línguas mortas", por Aryon Dall'Igna Rodrigues (UnB), no V Encontro de Línguas e Culturas Macro-Jê, ocorrido em São Paulo, entre 3 e 5 de maio de 2007.

vocálicos a partir da noção dos traços distintivos, o que acarreta algumas problemáticas que serão mencionadas mais adiante.

Há também outros estudos como os de Davis (1966), Emmerich & Monserrat (1975) e Seki (2002), porém que tratam do tema de modo mais genérico, ou seja, de forma resumida ou como base para verificações do tipo etnológicas, classificatórias da língua ou para análise de aspectos morfossintáticos, entre outros.

Dados inéditos de Seki

Seki realizou várias visitas aos Botocudos de Minas Gerais e de São Paulo entre os anos de 1980 e 1982. O vasto material lingüístico coletado pela pesquisadora para seus estudos sobre os Botocudo, no início da década de 80, resultou em artigos bastante elucidativos sobre a história dos Botocudo e também sobre a língua Krenak, realizando estudos fonológicos e gramaticais da língua (considerado-se, inclusive, seus manuscritos não-publicados).

Tal material consiste em gravações que tiveram como informante principal a Ngut-krak Sebastiana de Souza, já falecida, mas, na época, com cerca de 70 anos de idade, que era considerada como a falante mais competente do grupo. Conta-se também com dados de outros três falantes adultos, com idades entre 40 e 50 anos, que foram: José Anato, sobrinho de Sebastiana, Antônio Jorge e Jovelina.

Trata-se de uma ampla coleta que dividiremos em três partes: a primeira inclui cerca de 500 itens lexicais, isolados e em contexto (sintagmas nominais e verbais, mini-diálogos e frases espontâneas); a segunda, mais itens pertencentes aos mesmos domínios e a terceira, que inclui textos produzidos espontaneamente pelos falantes, que consistem principalmente em 'cartas faladas' que os nativos pretendiam que fossem transmitidas pela pesquisadora em suas visitas a outras aldeias.

A utilização de tais dados se mostra interessante porque, além de inéditos, estes refletem uma situação da língua menos deteriorada do que a que se pode encontrar hoje, de modo que sua descrição e análise, segundo teorias fonológicas mais recentes, permitirão identificar características que podem ter se perdido ao longo dos últimos anos e não ser mais perceptíveis na fala desta geração dos Krenak. Este recorte lingüístico possibilitará, assim, a construção de um material que ajude a resgatar parte da memória lingüística deste povo, além de ampliar a compreensão do material já existente e disponível sobre o Krenak.

Apesar das muitas deficiências apresentadas por tais materiais, estes constituem a única fonte para o estudo histórico da língua e podem também contribuir para um melhor conhecimento da variante existente (Seki, 1992). Julga-se como importante, assim, tentar buscar novas formas de abordar e compreender esses materiais.

De acordo com fontes do ISA, desde 1995 até pelo menos 1998 os Krenak vêm juntando esforços para que as crianças voltem a falar o Borun. Atualmente, mesmo com todo trabalho de resistência do povo Krenak quanto à preservação de sua língua e sua cultura, associados aos projetos de educação entre os Krenak, que tem grande interesse em recuperar sua língua, o estado em que esta se encontra ainda é preocupante e até onde se sabe, carece de estudos mais abrangentes sobre os fenômenos internos da língua, que possam explicar melhor o seu funcionamento.

Objetivos e métodos

A língua Krenak, apesar de contar com algumas descrições lingüísticas, apresenta várias lacunas na explicação de fenômenos que apresenta na sua estrutura interna. Tendo em vista ampliar as discussões de tais problemáticas e construir uma base para o desenvolvimento de um estudo fonológico da língua, esta nossa primeira apreciação da língua tem por objetivos:

- Fazer uma breve revisão crítica dos estudos de Davis (1966), Seki (2002), Emmerich e Monserrat (1975) e sobretudo do de Silva, apresentando suas principais características e observando alguns problemas que puderam ser levantados a partir da análise dos mesmos;
- Descrever de modo preliminar aspectos fonéticos e questões relevantes para a discussão da fonologia da língua Krenak.

O material utilizado para esta fase do trabalho consiste nos estudos de Davis (1966), Emmerich & Monserrat (1975), Seki (2002), Silva (1985, 1987). Já a análise preliminar irá se basear nos dados coletados por Seki no início da década de 80. Trata-se, inicialmente, de um *corpus* com cerca de 500 itens, entre palavras isoladas e contextualizadas, a partir do qual foi feita a transcrição e verificação acústica dos dados, apoiada em programas específicos de análise acústica como o Praat. Dentre os autores que subsidiarão as reflexões levantadas em nosso estudo estão Ladefoged e Maddieson (1996).

Revisão da literatura sobre a língua Krenak

Os Krenak falam a língua Borum e têm sido classificados como integrantes do tronco lingüístico Macro-Jê. Este tronco compreende um grande número de famílias, além da família Jê. Em 1955, Loukotka (*apud* Davis, 1968:46) examinou os dados lingüísticos disponíveis de uma série de tribos não-Tupi que ocupavam regiões da Bahia, nordeste de Minas Gerais e Espírito Santo. Ele agrupou as línguas em quatro famílias – Maxakali, Kamakan, Purían e Botocudo – e as considerou relacionadas ao tronco Macro-Jê. Seu trabalho consistiu basicamente em comparar itens lexicais que puderam ser reconstruídos para o Proto-Jê. Concluiu, todavia, que a exata classificação destas línguas requer mais do que estudos comparativos e lamentou a condição quase extinta dessas línguas, que prejudica ou impossibilita, em alguns casos, novas pesquisas de cunho lingüístico. Tal dificuldade é enfatizada também por Rodrigues (1986), que afirma que não se tem evidências, em certos casos, sobre a filiação de certas famílias ou línguas a esse tronco, como é o caso do Krenak, sendo a constituição do tronco Macro-Jê ainda bastante hipotética:

> Da família Botocudo tenta-se hoje, com grande dificuldade, obter algum conhecimento da língua dos poucos sobreviventes que restam de dois de seus subgrupos, os Krenak e os Nakrehé, desarticulados e dispersos pela ação violenta dos que ocuparam suas terras e das próprias agências governamentais. (RODRIGUES, 1986, p. 49)

Mais tarde, em 1999, Rodrigues divide as línguas Macro-Jê em: orientais, centrais e ocidentais, classificando o Krenak como membro do grupo oriental, junto a

línguas pertencentes às famílias Maxacalí, Yatê, Purí, Kamakã e Kariri, sendo as três últimas já extintas.

Apesar das dificuldades, Seki (2002) realiza um estudo do tipo comparativo, onde compara dados do Krenak com outras línguas Jê e com dados do Proto-Jê, segundo Davis (1966) e dá um primeiro grande passo para resolver problemas do tipo classificatório, pelo menos quanto a essa língua, apresentando fortes evidências de relações genéticas entre o Botocudo e a família Jê.

Estudos existentes sobre o Krenak:breves comentários

O Proto-Jê e o Botocudo: estudos de Davis (1966) e Emmerich & Monserrat(1975)

Segundo Davis (1966), os fonemas consonantais reconstruídos para o Proto-Jê incluem 12 consoantes: 4 oclusivas surdas, bilabial, alveolar, palatal e velar – não havendo oclusivas sonoras; 4 nasais, que também apresentam os quatro pontos de articulação (bilabial, alveolar, palatal e velar) e, para finalizar o quadro de consoantes do proto-jê, encontram-se as fricativas bilabial, palatal e velar e o tap, como visualizamos a seguir:

Consoantes: /p, t, tʃ, k, m, n, ɲ, ŋ, w, ʒ, x, ɾ/

Já o quadro das vogais apresenta 14 fonemas, sendo 9 orais e 5 nasais:

Vogais: /i, e, ɛ, ɨ, ə, a, u, o, ɔ, ĩ, ẽ, ɨ̃, ã, õ/

Emmerich e Monserrat (1975) fazem uma análise de vocabulários Botocudos coletados no séculos XIX e XX, a fim de depreender a estrutura fonêmica da língua e estabelecer eventuais diferenças dialetais. O sistema fonêmico subjacente a língua Botocudo é formado, portanto, por 6 vogais orais e 16 consoantes, tal qual expostas a seguir:

Consoantes: /p, p’, m, w, t, t’, n, r, č, č’, ñ, k, k’, ŋ, ʔ, h/

Vogais: /i, ë, o, e, a, u/

Emmerich e Monserrat consideram que a distinção entre surdas e sonoras na língua não é fonêmica. Sobre a pré-nasalização das oclusivas, é observado que em todos os vocabulários se registram grupos como *mp, mb, nt,ŋk, ŋg, nč, etc,* os quais apresentam formas que se alternam com consoantes oclusivas surdas ou nasais. Concluem que *em algum momento da língua provavelmente houve uma série de oclusivas pré-nasalizadas, que representaremos por p’, t’, c’ , k’, em contraste fonêmico com a série correspondente de oclusivas surdas p, t, c, k*. (EMMERICH E MONSERRAT, 1975, p.34).

A análise dos dados levam as autoras a hipotetizarem que tais diferenças estariam associadas a: a) diferenças dialetais; ou b) processo histórico da língua. Mas observam sobre as pré-nasalizadas que:

> Se houvesse uma correlação clara, na cronologia das fontes, entre as formas pré-nasalizadas, como sendo as fontes mais antigas, e as oclusivas simples como as mais recentemente registradas, não hesitaríamos em considerar as variantes discutidas como ilustração de um processo geral de simplificação da língua.... onde: oclusiva pré-nasalizada > oclusiva sonora > oclusiva surda.(EMMERICH e MONSERRAT, 1975, p.35).

No entanto, a análise dos vocabulários revela que não necessariamente é esta a explicação para tais variações.

O Krenak e as línguas Jê: Seki

Seki (2002) faz estudo do tipo histórico-comparativo a fim de comprovar a inclusão do Krenak nas línguas Jê. Restringe seu estudo ao sistema consonantal além de basear seus dados em uma 'transcrição fonética ampla'. Como sua preocupação é de cunho comparativo, não chega a propor, portanto, qualquer tipo de inventário fonológico, mas apresenta os fonemas propostos por Silva (1985) para o Krenak e inclui, entre parênteses, outros segmentos identificados por ela – Seki – , mas cujo status fonológico ainda não está bem esclarecido e precisa ser verificado:

As consoantes: p, t, tʃ, k, ʔ, m, n, ɲ, m̥, n̥, ɲ̥ , w, j ʒ, x, ɾ,(mb,nd,ndʒ,ŋg,ŋ, ŋ̊)

As vogais: i, ɛ, ə, a, u, ɔ (e, ɨ, o, ã, õ)

A análise de Silva: aspectos fonéticos e fonológicos do Krenak

Silva (1985) fornece uma descrição fonética dos segmentos vocálicos e consonantais da língua Krenak, baseada no modelo gerativo transformacional apresentado em '*The Sound Pattern of English*' – doravante SPE –, de Chomsky & Halle, 1968. Em seu trabalho, faz uma descrição dos segmentos vocálicos e consonantais baseada nas propriedades articulatórias do aparelho fonador. O quadro fonético das consoantes para o Krenak ao qual chega se apresenta como a seguir:

[p, t, k, ʔ, b, d, g, m̥, n̥, ɲ̥, ŋ̊, m, n, ɲ, ŋ, tʃ, dʒ, χ, ʒ, r]

De acordo com Silva, os segmentos oclusivos em Krenak /p, t, k/ podem se realizar como parcialmente vozeadas [b̥, d̥, g̥], desvozeadas [p, t, k] e brevemente aspiradas [p^h, t^h, k^h]. Todas são representadas nas transcrições como desvozeadas [p, t, k] ou vozeadas [b, d, g] apenas. A autora fala ainda de oclusivas desvozeadas não-explodidas [p˺, t˺, k˺], realizações que *poderiam estar associadas a variações sociolingüísticas e que necessitariam de descrições mais adequadas* (SILVA, 1985, p.34)

As nasais podem ser surdas: /m̥/ /n̥/ /ɲ̥/ ou plenas /m/ /n/ /ɲ/. As nasais apresentam propriedades articulatórias de 'travamento ou não-explosão' e 'explosão oclusiva vozeada' ou 'explosão oral' em final de enunciado, ou seja, percebe-se que há a realização de uma oclusiva após a nasal, que não é completamente realizada e soa como explosão, como explica a autora:

> Ocorre o levantamento do véu palatino. Assim, o fluxo da corrente de ar penetra apenas na cavidade oral e é expelido pela boca. Essa articulação produz um efeito sonoro de uma oclusiva. Usaremos a notação [m^b, n^d, n^g], ou seja, a oclusiva vozeada homorgânica à nasal vozeada é colocada acima do segmento nasal.(SILVA, 1985, p.36)

Vejamos a seguir alguns exemplos desta ocorrência:

(01) [ˈkũm˺] ~ [ˈkũm^b] ~ [ˈkũm] 'fumo'

(02) [ˈŋgg̊ŋ˺] ~ [ˈŋgg̊ŋ^g] ~ [ˈŋgg̊ŋ] 'cachorro'

Identificam-se ainda na língua o segmento africado surdo /tʃ/, que pode se vozear se precedido de nasal; as fricativas /x, ʒ/ e, além destes segmentos, o tap /ɾ/. O inventário fonológico proposto é composto, portanto, por 15 consoantes e pode ser resumido no quadro a seguir:

Quadro 1: fonemas consonantais do Krenak segundo Silva (1985)

	Bilabial	Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclus.Surda	p	t	tʃ	k	ʔ
Nasais surdas	m̥	n̥	ɲ̊		
Nasais sonoras	m	n	ɲ		
Fric.	w		j ʒ	x	
Tap		ɾ			

Quanto às vogais, inicialmente, a autora as descreve fundamentando sua análise na teoria das vogais cardeais, apresentada por Abercrombie (1967, *apud* Silva,1987). Silva identifica, entre outras características, diferenças de qualidade vocálica entre as vogais orais e nasais do Krenak.

A autora revê sua análise anterior e reflete sobre alguns problemas para a análise das vogais do Krenak. Assim, discute e mostra evidências que demonstram a inadequação do modelo fonológico utilizado por ela mesma para a descrição das vogais do Krenak. O problema se concentra na dificuldade de caracterizar certos segmentos vocálicos do Krenak como unidades fonológicas distintas. De qualquer modo, Silva chega a um inventário de 6 vogais contrastivas: **/ i, ɛ, a, ɔ, ə, u /.** A seguir, tentaremos resumir alguns problemas apresentados pela autora.

As três primeiras vogais / **i, ɛ, a** / formam uma classe natural caracterizada pelo traço [- recuado] e operam no processo fonológico de palatalização de oclusiva velar desvozeada. Os outros três segmentos restantes / **ɔ, ə, u** / formam uma classe natural que se opõe ao primeiro grupo pelo traço [+ recuado] e forma ambiente propício para a realização do processo de velarização do segmento nasal desvozeado.

O quadro apresenta valores (de '+' ou '-') para a caracterização dos segmentos vocálicos e leva em conta os seguintes traços: alto, recuado, arredondado e baixo.

	i	ɛ	a	ɔ	ə	u
alto	+	–	–	–	–	+
recuado	–	–	–	+	+	+
arredondado	–	–	–	+	–	+
baixo	–	+	+	+	–	–

Entretanto, segundo a matriz no quadro acima, **[ɛ]** e **[a]** não se caracterizam como segmentos distintivos, pois apresentam os mesmo valores atribuídos a cada traço. Ou seja, não podemos caracterizar tais vogais como unidades fonológicas distintas dentro do modelo gerativo transformacional proposto em SPE.

Buscando resolver o problema, Silva resolveu atribuir ao segmento vocálico **[ɛ]** o valor [–baixo] para caracterizar tal segmento e, de forma análoga, o segmento vocálico **[ɔ]** também foi caracterizado como [– baixo] . Como conseqüência, **[ɛ]** e **[a]** passaram a ser caracterizados como unidades fonológicas distintas, como é ilustrado a seguir:

	i	ɛ	a	ɔ	ə	u
alto	+	–	–	–	–	+
recuado	–	–	–	+	+	+
arredondado	–	–	–	+	–	+
baixo	–	–	+	–	–	–

Silva conclui seu estudo enfatizando o caráter preliminar de sua descrição e sugere a realização de novos estudos que possam explicar os fenômenos encontrados em Krenak.

Alguns problemas e questões em aberto

Inicialmente, percebe-se que **o inventário vocálico** proposto por Emmerich e Monserrat para o Botocudo e por Silva para o Krenak parece bastante pequeno (6 vogais orais) em relação ao que se costuma observar em línguas do tronco Macro-Jê. Além do mais, as autoras não identificam a nasalização como traço distintivo, mas sim como resultado de processo fonológico de nasalização de vogais. Se observarmos, por exemplo, o quadro de vogais proposto por Davis – de 14 vogais –, é plausível pensar que este inventário pode ser, se não questionado, pelo menos revisado em análises mais recentes e baseados em dados variados.

As vogais precisam ainda ser descritas com base em pressupostos teóricos que dêem conta de caracterizá-las propriamente. A **inadequação do modelo teórico** linear para realizar uma análise do sistema fonológico da língua é enfatizada pela autora em diversos momentos durante seu estudo, ao afirmar que *(....) a teoria dos traços distintivos proposta em SPE não é totalmente adequada para caracterizar os segmentos vocálicos em Krenak como unidades fonológicas distintas* (SILVA, 1987, p.183), como ilustramos na seção anterior.

No âmbito das consoantes, outras questões são levantadas. Percebemos primeiramente que em Silva (1985), afirma-se que não existem **oclusivas pré-**

nasalizadas na língua Krenak. Em vez disso considera a existência do padrão silábico "C', onde "C" pode ser qualquer consoante da língua, inclusive o segmento nasal. Desta forma, quando ocorre o encontro "Nasal + C" – sendo C qualquer oclusiva ou africada surda – este se realiza em limite de sílaba, não se tratando, portanto, de um segmento tautossilábico pré-nasalizado, como poderia ser interpretado. Ou seja, a partir dessa consideração, a autora explica por assimilação da nasal precedente, o vozeamento das oclusivas seguintes [np, nt, nk > mb,nd,ng] e também o vozeamento da africada [ntʃ > ndʒ], confirmando a existência apenas de oclusivas e africadas surdas na língua, como se vê nos exemplos abaixo (que incluem palavras isoladas e juntura de morfema):

(03) [ãm.bu.ˈruʔ] 'frio, vento'

(04) [mãn.dɔ.ˈkõn] 'maribondo'

(05) [ɲiŋ.gyũn] 'meu dente'

(06) [ãn.ˈdʒuk] '2ª. pessoa do plural'

(07) [tʃõm.bɛk] 'carvão'

(08) [tʃõn.g^{h}at] 'canoa'

Em início de sílaba considera-se a queda da nasal:

(09) [ˈmbrɔ̃ŋ] 'caminho'

(10) [ˈ ndəŋ] 'torto'

(11) [ˈ ngɔŋ] 'cachorro'

(12) [dʒukˈn̥ãŋ] ~ [ndʒukˈn̥ãŋ] 'mulher não-índia'

Para justificar a ocorrência destes segmentos em início de sílaba, a autora fala do processo fonológico de 'Cancelamento de nasal', apoiando-se inclusive na alternância existente entre as formas [ndʒ] ~ [dʒ] em alguns casos e sugere também que estudos sociolingüísticos, onde se observe a prioridade de uma ou outra variação, podem vir a explicar melhor este fenômeno para que se possa associar sua ocorrência a um processo histórico de perda de nasal em início de sílaba e manutenção do vozeamento.

Silva (1985) explica ainda que as alternâncias entre as formas surdas e sonoras *indicam que provavelmente o vozeamento de oclusivas e africadas esteja sofrendo um processo de mudança lingüística* (SILVA, 1986, p.90) e que tal variação se encontrava prestes a desaparecer, vindo a atingir um estágio no qual nem mais se perceberia se houve pré-nasalização na língua, resultando na chegada de um momento em que haveria distinção entre surdas e sonoras:

> Atualmente se inicia um outro processo de mudança lingüística, no qual o segmento nasal vozeado é cancelado opcionalmente em início de palavra. Se esta mudança

prosseguir, poderá se estender aos segmentos oclusivos, africados, vozeados e desvozeados." (SILVA, 1985, p.91)

A leitura de Emmerich & Monserrat nos mostrou que, através da análise de dados das línguas registrados em momentos diferentes da história, esta explicação não pode ser comprovada

De qualquer forma, até certo ponto, a análise de Silva parece simplificar e resolver alguns problemas da língua no nível lexical. Por outro lado, foi possível encontrarmos alguns exemplos num contexto maior, como o da palavra e frase fonológica que, assomados às reflexões explicitadas nos parágrafos anteriores, levam-nos a crer que não só se podem registrar pré-nasalizadas em Krenak na atualidade como se faz primordial refletir acerca do seu *status* fonológico ou não.

Percebeu-se, assim, a ocorrência de alguns segmentos surdos, que mesmo estando precedidos por segmento nasal em limite de palavra, não se vozearam, como previsto pela generalização de Silva:

(13)	[ɲiŋ.pɔʔ]	'minha mão'	* [ɲim.bɔʔ]
(14)	[n̥ãŋ.tɔ̃ˈdɔ̃n]	'criança'	* [n̥ãŋ.dɔ̃ˈdɔ̃n]
(15)	[ɲiŋ.kruk]	'meu filho'	* [ɲiŋ.gruk]

Para reforçar a hipótese de que realmente existem pré-nasalizadas em Krenak, contamos ainda com alguns exemplos de empréstimos lingüísticos em Seki (2000), onde o falante nativo Krenak nasalizou o ambiente precedente à oclusiva sonora da palavra em português. Interpreta-se, então, que a pré-nasalização foi sua forma de adaptar-se a presença dos segmentos sonoros, que, não existem em sua língua, mas ocorrem no português, língua da qual tomou o empréstimo, como se vê abaixo:

(16)	'cabrito'	[kãˈmbrit]
(17)	'medir'	[mi ˈndiʔ]
(18)	'agora'	[aˈŋgɔʔ]

Exemplos como estes precisam ser melhor investigados e, a partir de um *corpus* que inclua os itens lexicais em contextos mais amplos, como a palavra fonológica, frase e frase fonológica, poderemos buscar mais evidências que permitam considerar o status fonológico das oclusivas pré-nasalizadas na língua com mais precisão.

Outra questão que podemos perceber ainda em todos os estudos realizados se refere às **nasais surdas**. Tal segmento foi percebido por Silva e Seki, que, apesar de reconhecerem o status fonológico das nasais surdas, não explicitam mais detalhes sobre as características destes fonemas, que são bastante raros nas línguas do mundo.

Mais uma observação sobre estudos prévios está relacionada ao domínio em que foi estudada a língua. Alguns fenômenos, como processos fonológicos, que devem ser observados no domínio da frase e não apenas da palavra lexical como foi

feito por Silva, podem ser melhor compreendidos e explicados se ampliarmos o contexto onde se inserem os itens lexicais.

Por fim, estudos prosódicos da língua mostram-se bastante escassos. Silva (1985:65) afirma em seu estudo que: *(...) não nos detivemos aqui na análise de fenômenos como o ritmo e a entoação, embora saibamos que o desenvolvimento de pesquisa nessas áreas oferecerá uma descrição fonética mais abrangente dessa língua.* (SILVA,1987, p.65)."

Para um estudo da fonologia Krenak: análise preliminar

Os sons e sua distribuição

A análise da primeira parte dos dados de Seki permite-nos chegar às seguintes observações. As oclusivas: são as surdas /p/, /t/, /tʃ/, /k/ e /ʔ/ e ocorrem em posição de onset silábico. As ocorrências observadas demonstram que estes segmentos podem combinar-se com quaisquer das vogais da língua. Em coda, porém, apenas /t/, /k/ e /ʔ/ ocorrem, mas com bastante freqüência.

(19)	[ˈ**p**ɔːk]	'dedo da mão'	----------	
(20)	[ˈ**t**ɔ̃n]	'feio'	[ˈkɾɔ**t**]	'mamão'
(21)	[ˈ**t**ʃiŋ]	'carne'	----------	
(22)	[ˈ**k**at]	'casca'	[ˈn̥a**k**]	'roça, chão'
(23)	[**ʔ**ãʔãɲiŋgu]	'ovo de galinha'	[ˈpɔ̃nˌdʒa**ʔ**]	'dedo do pé'

As oclusivas pré-nasalizadas são seqüências de nasal + oclusiva, onde a nasal, homorgânica ao ponto da oclusiva, é finalizada e a oclusiva iniciada pelo simples levantamento do velo. Tem sido amplamente discutido que tal movimento dos gestos em algumas línguas deve ser tratado como segmentos unitários, principalmente se ocorrem em posição inicial de sílaba (Ladefoged, 1996).

Segmentos como [mb], [nd], [ndʒ] e [ŋg] ocorrem com freqüência em Krenak, em onset silábico, início e meio de enunciado ou formando onset complexo com o tap. Ocorrem com menos freqüência em posição de coda.

(24)	[ˈ**mbɾ**ɔŋ]	'caminho'
(25)	[ˈ**nd**ɔ̃ŋ]	'torto'
(26)	[ˈ**ng**ɔ^{g}ŋ]	'cachorro'
(27)	[**ndʒ**u^{dˈ}ndʒuk]	'gambá'

Já em final de sílaba, é comum a ocorrência oclusivas pós-nasalizadas, [^{b}m], [^{d}n], [^{g}n], mas que são bem menos freqüentes. Sua realização se restringe à posição

de coda e pode vir em meio ou final de enunciado. Até o momento, os dados demonstram que tais segmentos tendem a ocorrer após vogais orais.

(28) [ngaˈta^{b}**m**] ‘ lagartixa’

(29) [hĩːˈmbɔ^{d}**n**] ‘capivara’

(30) [ˈngɔ^{g}**ŋ**] ‘cachorro’

As nasais [m], [n], [ŋ] e [ɲ] ocorrem em onset ou coda silábica, adjacente a qualquer vogal da língua:

(31) [**m**aˈxɔ̃n] ‘abóbora’

(32) [**n**ek] ‘banha’

(33) [kəˈpi**ŋ**] ‘capim’

(34) [ˈ**ɲ**ɛkomũ] ‘agora’

As nasais surdas são consideradas raras nas línguas do mundo. Segundo Ladefoged (1996), as nasais surdas podem ser encontradas em línguas do Sudeste Asiático e América do Norte, formando uma série de três nasais (vozeadas, surdas e laringalizadas). Se forem contrastivas, é mais comum que as nasais vozeadas se oponham a um dos tipos de nasais mencionados anteriormente. Para a realização destas nasais, a glote costuma ficar aberta durante maior parte da articulação, mas há um vozeamento antes dos articuladores finalizarem o movimento. Além disso, também costumam ser mais longos do que as nasais vozeadas e tem F0 mais alto no onset da vogal (Ladefoged,1996). Para o Krenak, observamos a ocorrência das seguintes nasais surdas: [m̥], [n̥], [ŋ̥] e [ɲ̥]. Sua ocorrência mostrou-se menos freqüente do que as nasais plenas e ainda observamos alternância com as plenas em alguns casos, mas só a análise de mais dados poderá revelar suas características e distribuição de forma mais precisa:

(35) [**n̥**ak] ‘roça, chão’

(36) [**m̥**aɾot] ‘arroz’

(37) [**ɲ̥**ak] ‘ferida’

(38) [ˈ**ŋ̊**ũmɾ̃in] ‘cana’

Apesar de ainda não termos realizado uma análise acústica mais detalhada das nasais surdas, a observação da imagem abaixo mostra um exemplo onde ocorre tal segmento, contrastado com a nasal plena, ambos pertencentes a sílaba inicial de duas palavras da língua. A imagem permite observarmos que, pelo menos quanto à duração, parece pertinente afirmar que as nasais surdas são mais longas do que as plenas:

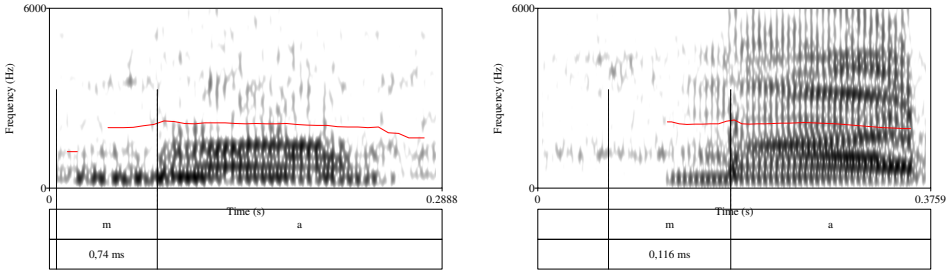

Imagem 1: Espectro, respectivamente, da nasal plena na primeira sílaba da palavra [maXon] 'abóbora' e da nasal surda na palavra [m̥ɑɾot] 'chão'. Duração de [m] igual a 0,74 ms e de [m̥] 0,116 ms.

Os glides /j/ e /w/ ocorrem em posição de onset e coda silábica, sendo o bilabial mais freqüente. Foneticamente, o palatal sofre fricativização, sendo realizado como [ʒ]

(39) [**w**aˈʒik] 'flecha' [a**w**ŋ^{g}] ' falar'

As fricativas [x] e [h] ocorrem em posição de onset silábico.

(40) [**x**ataˈɾan] 'arara'

(41) [ˈ**h**ĩmˌbɔdn] 'capivara'

O tap /ɾ/ ocorre em posição de onset silábico apenas e pode formar um onset complexo junto às olcusivas:

(42) [k**ɾ**en] 'cabeça'

Apesar da análise dos dados não nos permitirem chegar a conclusões sobre o sistema fonológico da língua ainda, chegamos a identificação dos seguintes segmentos no Krenak:

Segmentos consonantais:

[p, t, tʃ, k, ʔ, mb, nd, ndʒ, ŋg,m̥, n̥ , ɲ̥, ŋ̥, m , n, ɲ, ŋ, w, j, ʒ, χ, h, ɾ]

Os segmentos vocálicos identificados são 12 e se distribuem entre vogais orais e nasais. As vogais orais podem ser as altas [i], [ɨ] [u]**;** as orais centrais [e], [ə] e [o] ; as orais médias baixas [e], [ə] e [o] e as nasais central [ã], anterior [ĩ] e posterior [õ]:

(43) [ˈpɾ**i**k] 'formiga'

(44) [**ɨ**ˈkɾɔ̃] 'paca'

(45) [ˈk**ũ**m] 'fumo'

(46) [ˈkɾẽn] ‘cabeça’

(47) [ˈkʷənjoˌpɔʔ] ‘intestino’

(48) [**ó**ˈna] ‘ela’

(49) [kɨᵈnˈk**ɛ**ʔ] ‘sobrancelha’

(50) [ˈpɔːk] ‘dedo da mão’

(51) [x**a**taˈɾan] ‘arara’

(52) [ʔ**ã**ʔãɲĩŋgu] ‘ovo’

(53) [ʔõʔ**õ**] ‘gavião’

(54) [ti n̥ak ʒɛ ʔ**ĩ**] ‘to fazendo minha roça’

Chegamos, portanto, a identificação dos seguintes segmentos vocálicos:

[i, ɨ, u, ĩ, e, ə, o, ɛ, a, ɔ, ã, ĩ, õ]

Considerações finais:

Esta breve apreciação dos estudos de Davis, Emmerich e Monserrat , Seki e, principalmente, de Silva, torna plausível considerar algumas hipóteses que serão investigadas no restante dos dados de Seki, para realizarmos uma análise apropriada da fonologia Krenak. É importante ressaltar que a análise da primeira parte dos dados ainda não permite chegarmos a conclusões precisas sobre o sistema fonológico do Krenak. De qualquer maneira, podemos chegar a conclusões parciais acerca do que foi observado.

Primeiramente, foi possível refletirmos de forma especial acerca dos segmentos pré-nasalizados e sobre o seu potencial para serem considerados como fonemas da língua Krenak. Tendo em vista sua ampla freqüência e ocorrência – inclusive em início de sílaba e, ainda, o registro destes segmentos nos dados da década de 80 e em dados de vários momentos históricos desde o século XVI – , em dialetos relacionados com o Krenak, é plausível considerarmos que estes segmentos tem um papel fundamental e possivelmente contrastivo na língua Krenak. Naturalmente que isto será comprovado a partir de pares mínimos que comprovem seu status fonológico e analisado apropriadamente segundo os processos fonológicos atuantes na língua. No que se refere ao número de vogais na língua, foi possível chegar à identificação de pelo menos 12 segmentos vocálicos, mas que também precisam ser verificados em suas características acústicas e constrastivas para podermos afirmar quais se tratam de fonemas e quais são alofones. Por outro lado, entende-se a pertinência de se realizar uma nova coleta de dados que expressem a realidade atual da língua, que servirá não só para auxiliar no processo de documentação da língua, mas que irá também possibilitar a verificação das generalizações e hipóteses levantadas a partir da análise dos dados gravados e das fontes históricas. Acredita-se que uma transcrição fonética cuidadosa – com o auxílio de programas de computador para a análise acústica dos dados, como o Praat -, junto

a um estudo fonológico com base em preceitos da Fonologia Moderna são condição básica para a segmentação e identificação dos morfemas ou outros elementos gramaticais do Krenak.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DAVIS, I. Comparative Jê Phonology. Estudos Lingüísticos. *Revista Brasileira de Lingüística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 1, n.2, p.10-24, 1966.

_____. Some macro-Jê relationships. *International Journal of American Linguistics,* v.34, n.1. p.42-27,. Jan. 1968.

EMMERICH, C. & MONSERRAT, R. Sobre os Aimorés, Krens e Botocudos. Notas Lingüísticas. *Boletim do Museu do Índio (Antropologia),* Rio de Janeiro, n.3, p.5-45.1975.

LADEFOGED, P. & MADDIESON, I. *The sounds of the world's languages.* Oxford: Blackwell, 1996.

RODRIGUES, A.D. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas.* 4.ed.Edições Loyola, 1986.134 p.

_____. Macro-Jê. In: DIXON, R.M.W.; AIKHENVALD, A.Y. (Ed.) *The Amazonian Languages.* Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

SEKI, L. Notas para a história dos Botocudos (Borum). *Boletim do Museu do Índio.* Rio de Janeiro, n.3, p. 1-20.1992.

_____. Os Krenak (Botocudo/ Borum) e sua língua. IN: Luis Miranda (ed.), *Actas I Congreso de Lenguas Indígenas de Sudamérica, I.* Lima: Universidad Ricardo Palma. 2000. p.*351-374*.

_____. O Krenak (Botocudo/Borum) e as línguas Jê. IN.: SANTOS, L., PONTES, I. (org.). *Línguas Jê, estudos vários*. Londrina: Ed.UEL, 2002. p.15-40.

SILVA,T.C. *Descrição fonética e análise de alguns processos fonológicos da língua Krenak.* 1985. 120 f. Dissertação (Mestrado em Letras. Área de concentração: Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

_____. Um problema na análise fonológica dos segmentos vocálicos em Krenak. *D.E.L.T.A.,*Revista de Documentação de Estudos em Lingüísticos e Teoria Aplicada, São Paulo, v.3, n.2, p.183-195, 1987.